

Apresentação

Marilene Weinhardt (org.)

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

WEINHARDT, M., org. Apresentação. In: *Ficções contemporâneas: histórias e memórias* [online]. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2015, pp. 7-10. ISBN 978-85-7798-214-1. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

APRESENTAÇÃO

O Grupo de Pesquisas Estudos sobre Ficção Histórica no Brasil, registrado no CNPq desde 2003, há algum tempo deu a público o resultado de suas investigações, sob o título *Ficção histórica: teoria e crítica* (EDITORA UEPG, 2011). Na obra que ora se apresenta estão reunidos resultados de novos estudos, mantendo-se muitos dos participantes, bem como integrando novos membros. A leitura sistemática da produção ficcional que se mostra rentável da perspectiva do diálogo com a história demonstra que a recorrência do discurso de memórias como recurso ficcional vem se intensificando. Daí a tendência, verificada como predominante no conjunto, de apoio teórico sobre formas de funcionamento da memória. Mas não há exclusividade. Continuam atuantes os aportes buscados nas teorias sobre ficção histórica já compulsadas anteriormente.

No ensaio “Damiana – ponte e margem: ficção e historicidade na trajetória de uma heroína caiapó”, Gisele Thiel Della Cruz apresenta as estratégias de atuação e afirmação social da mulher na narrativa de ficção histórica brasileira, analisando a construção da personagem feminina Damiana, de *Guerra no coração do cerrado* (2006), de Maria José Silveira. O romance tem como protagonista a índia caiapó criada em Vila Boa, pequena cidade no interior de Goiás, sob a tutela do Governador Cunha Menezes. Vivendo as influências do mundo branco e da tradição ancestral indígena, o mito de Damiana e sua atitude heroica de catequização se inscrevem na historiografia tradicional brasileira. A ficção reconstrói esse percurso e refaz possibilidades finais para essa história.

Sob o título “Pequenas memórias: a (re)construção de um passado individual”, Eduarda Regina Drabczynski da Matta discute o processo de regaste da memória do escritor português José Saramago para a confecção de sua autobiografia, *As pequenas memórias*, publicada em 2006. No desenvolvimento do texto, os estudos sobre a memória são postos em diálogo com o processo de criação da obra, tendo em vista a hipótese de que, ao colocar suas lembranças em uma narrativa, Saramago usufruiu da funcionalidade da literatura para aclarar o percebimento da formação de sua identidade.

Maurício Cesar Menon, em “Por sendas e fendas de *Sinhá Braba*”, ocupa-se do escritor Agripa Vasconcelos (1896 – 1969), autor de sete títulos sob a denominação “Sagas do País das Gerais”: *Fome em Canaã* – romance do ciclo dos latifúndios nas Gerais; *Sinhá Braba – D. Joaquina do Pompéu* – romance do ciclo agropecuário nas Gerais; *A Vida em Flor de Dona Beja* – romance do ciclo do povoamento nas Gerais; *Gongo-Sôco* – romance do ciclo do ouro nas Gerais; *Chica que Manda – Chica da Silva* – romance do ciclo dos diamantes nas Gerais; *Chico Rei* – romance do ciclo da escravidão nas Gerais; *Ouro Verde e Gado Negro* – romance dos ciclos do café e da abolição do cativo nas Gerais. A análise evidencia, para além do aspecto temático e histórico de *Sinhá Braba*, os recursos expressivos, narrativos e linguísticos utilizados na composição desse romance histórico.

Em “Paródia e condição nacional: estudo sobre a ficção histórica de Ana Miranda”, Eunice de Moraes analisa os romances *Boca do inferno*, *A última quimera* e *Dias e dias* como construções paródicas. A perspectiva é que a apropriação textual realizada nos romances tanto homenageia quanto discute e questiona discursos de nação, ou a sua ausência, que serviram a projetos literários do passado. Esses discursos revelam o Brasil barroco, romântico e modernista como “comunidades imaginadas”, de modo que a condição nacional do passado constitua uma face paralela e integrante da condição nacional do presente. A abordagem visa demonstrar que nos romances em estudo há, através da revisitação da memória e do momento literário de cada poeta, uma busca pela representação que proporcione ou sugira a discussão a respeito da condição nacional (política, cultural e literária), confrontando o passado com o presente e vice-versa.

Naira de Almeida Nascimento propõe a leitura dos romances *Heranças* (2008) e *Mil rosas roubadas* (2014), em “A vida como literatura e a literatura para viver: apontamentos sobre a ficção de Silviano Santiago”, levando em consideração a preocupação que o autor sempre devotou à literatura brasileira e ao seu diálogo no concerto das nações. Os preceitos da crítica cultural manifestos pelo ensaísta Silviano estão presentes no discurso do ficcionista. Sua prosa romanesca é marcada pelas potencialidades da escrita centrada

sobre o eu. O intimismo propiciado pelo discurso egocêntrico conjuga-se ao processo histórico, em especial nos períodos assinalados pelo autoritarismo e pela supressão da liberdade do indivíduo. Aspectos sociais, políticos e culturais, nucleares em suas preocupações como crítico, avultam, sob a capa da experiência subjetiva do registro do presente e do passado das personagens, tomando corpo estrutural e ideológico na criação literária.

Com o objetivo de contribuir para a reflexão de como atuam os discursos literários a partir da *quebra de representação* imposta pelas ditaduras recentes às culturas do Cone Sul americano, em “A memória e o vazio agressivo: sobre a ética do luto em *Não falei*, de Beatriz Bracher”, Emerson Pereti se concentra no discurso de rememoração como um dos operativos literários do luto *transdilatador* brasileiro. O romance configura-se a partir de fluxos descontínuos da memória de um ex-presos político que tem a vida marcada por uma possível delação. O dilema da culpa e a responsabilidade pela memória de seus mortos impelem o discurso desse protagonista em direção a uma absolvição futura, que só pode ser conseguida pelo retorno simbólico ao passado, regressando à perda. Isso exigirá do discurso literário a reivindicação de um estatuto da memória que respeite aquilo que resiste à representação, mas que precisa, de alguma forma, resistir enquanto testemunho.

No romance *A casa* (1999) de Natércia Campos, objeto de estudo de Edna da Silva Polese no ensaio “As memórias da casa: personagem e narradora”, a portadora da memória e narradora é, predominantemente, a própria casa. Provida de capacidade de reminiscência, essa personagem singular acompanha as gerações que nela habitaram. Narra desde o momento em que estava sendo construída – nos primórdios da colonização brasileira – até o momento em que, submersa num lago artificial, resultado da instalação de uma hidroelétrica, descansa. A modernização alcançara a centenária construção. Ironicamente, a casa percebe o tempo humano como extremamente curto e seus atores, os homens, como incapazes de enxergar a circularidade de atos e ações. É possível, ainda, apreender as várias formas de manutenção da memória individual e da memória coletiva, como é o caso das narrativas encaixadas que se reproduzem a partir de personagens que rememoram e narram suas recordações.

Benedita de Cássia Lima Sant’Anna, em “A construção do relato memorialístico em três contos contemporâneos” teve por objetivo investigar o relato de memória em narrativas curtas em que o passado histórico constitui um dado relevante. Os contos “Animais”, de Michel Laub, “Você tem dado notícias?”, de Leandro Sarmatz e “Violeta”, de Miguel Del Castillo, publicados no nono número da Revista *Granta*, foram os escolhidos. No primeiro conto, os relatos de mortes de amigos (animais de estimação e colegas de infância) aparecem sempre associados à presença e importância da figura paterna na vida do narrador protagonista. No segundo, o protagonista do conto, descendente de judeus, nascido e criado no Brasil, não aceita as regras impostas pela tradição. No terceiro conto, vestígios de fatos históricos relacionados à ditadura civil-militar ocorrida no Uruguai (1973-1985), são recuperados quando o narrador Miguel Angel descobre a origem de seu nome.

O estudo de Marilene Weinhardt busca figurar a perspectiva de abordagem na denominação: “Filhos da geração de 1960/70: herdeiros da memória”. A ficcionalização da repressão dos anos 60 e 70 do século passado no Brasil foi empreendida, da perspectiva política e social, pelos que viveram aquele momento, seja na própria época, apresentando-se então como romance político, seja nas décadas subsequentes, já então com o distanciamento que permite a visada histórica. As marcas dos acontecimentos daquele período traumático alcançam a geração subsequente, registro que também aparece ficcionalizado na produção recente. “*A chave de casa*” de Tatiana Salem Levy (2007) e “*Azul-corvo*” de Adriana Lisboa (2010), indicados no título, são abordados como exemplares dessa memória herdada.

Os ensaios aqui reunidos foram discutidos em reuniões do Grupo de Pesquisas identificado de início. Dessas participaram, além dos autores, outros membros cujas contribuições foram valiosas para a finalização dos trabalhos. Somo gratos às sugestões de Phelipe de Lima Cerdeira, Janina Rodas, Cristiane Sucheski Contin e José Olivir de Freitas Junior. Agradecimento especial a este último, que auxiliou ainda realizando a padronização dos textos.

A Organizadora